

COMEMORAÇÕES DOS 150 ANOS DO NASCIMENTO
JORGE REY COLAÇO

Conferência Jorge Colaço
Conhecer, divulgar e preservar

26 fevereiro 2018
Museu de Cerâmica de Sacavém



A Câmara Municipal de Loures assume como prioridade a valorização do Património Cultural, nas suas componentes artística e industrial.

Com a Conferência Jorge Colaço. Conhecer, divulgar e preservar, no Museu de Cerâmica de Sacavém, no ano e no dia em que se completam 150 anos do seu nascimento, homenageamos o Homem, o Artista e a Obra e pomos em evidência um legado que também assumimos como património do concelho.

A realização da Conferência no Museu de Cerâmica de Sacavém, espaço que constitui um repositório das memórias materiais e imateriais da Fábrica de Loiça de Sacavém, simboliza de alguma forma o regresso de Jorge Colaço ao lugar que lhe proporcionou as condições e os meios técnicos para criar os painéis de azulejos artísticos, ainda hoje reconhecidos e apreciados.

A comemoração dos 150 anos do nascimento de Jorge Colaço motivou uma parceria envolvendo a DGPC - Museu Nacional do Azulejo, Infraestruturas de Portugal, Comboios de Portugal, Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva, Município de Loures, sendo de realçar a participação da investigadora da obra azulejar de Jorge Colaço, Cláudia Emanuel e a família Jorge Colaço. Esta Conferência associa-se também à celebração do Ano Europeu do Património Cultural, que entendemos assinalar.

O vice-presidente



Paulo Piteira

fevereiro de 2018



Celebrar e valorizar o artista e a sua obra azulejar.

Mestre Jorge Colaço (1868-1942), artista da primeira metade do séc. XX, renovou a arte industrial do azulejo decorativo com o industrial James Gilman, na Fábrica de Loiça de Sacavém durante duas décadas, e continuou na Companhia das Fábricas Cerâmica Lusitânia, em Lisboa.

A pintura do azulejo, em grandes composições de Jorge Colaço, ainda hoje é expoente máximo desta arte em Portugal: no Palácio Hotel do Bussaco, na Estação Ferroviária de São Bento (no Porto), Palácio de Rio Frio, Casa do Alentejo (em Lisboa), entre tantos outros.

Jorge Colaço estudou em Madrid e Paris onde se relacionou com os grandes artistas da época, assimilou também a nova corrente estética *Arte Nova* e o seu trabalho integra o ressurgimento da consciência histórica na arte.

As comemorações acontecem durante todo o ano de 2018, com início no dia do seu nascimento, a 26 de fevereiro, no Museu de Cerâmica de Sacavém, com um dia de conferências de vários autores dedicado à sua obra artística.

PROGRAMA

9:30 » Recepção e entrega de documentação

10:00 » Abertura oficial das Comemorações dos 150 anos do nascimento de Jorge Colaço

Câmara Municipal de Loures
DGPC – Museu Nacional do Azulejo
Infraestruturas de Portugal
Comboios de Portugal
Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva
Cláudia Emanuel (Investigadora)
Família Jorge Colaço

Conferência Jorge Colaço Conhecer, divulgar e preservar

Painel 1 – Conhecer

Moderação

Conceição Seródio (Divisão de Cultura, Câmara Municipal de Loures)

10:20 » Jorge Colaço – testemunhos íntimos, alguns segredos, especulações possíveis, a sua vida e a sua obra

Tomás Colaço (Artista visual, bisneto de Jorge Colaço)

10:40 » Azulejos de Jorge Colaço nos Açores, no Brasil e em Goa

José Meco (Historiador de artes decorativas)

11:00 » Pausa

11:20 » Entre a Tradição e a Modernidade: a narrativa histórica na obra de Jorge Colaço

Maria Alexandra Gago da Câmara (Departamento de Ciências Sociais e de Gestão, Universidade Aberta; Investigadora do Centro de História da Arte e Investigação Artística CHAIA, Universidade de Évora)

Teresa Verão (doutoranda em História da Arte – área da azulejaria, Universidade de Évora)

11:40 » A pintura sobre azulejo de Jorge Rey Colaço

Cláudia Emanuel (doutoranda em Estudos de Património, com a tese “A Obra Azulejar de Jorge Rey Colaço (1868-1942)”, Universidade Católica do Porto)

12:00 » Debate

12:30 » Almoço livre

Painel 2 – Divulgar

Moderação

Carlos Luís (Divisão de Cultura, Câmara Municipal de Loures)

14:00 » Autorias. A biografia de Jorge Colaço no Az Infinitum

Rosário Salema de Carvalho (Az – Rede de Investigação em Azulejo, ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa)

14:20 » Azulejaria de Jorge Colaço nas Unidades Militares em Portugal: Arte e Tradição

Augusto Moutinho Borges (CLEPUL-Universidade de Lisboa, CIDH-Universidade Aberta, Academia Portuguesa da História, Comissão Portuguesa de História Militar)

14:40 » Azulejos Artísticos de Jorge Colaço nas estações ferroviárias portuguesas

Tiago Borges Lourenço (Instituto de História da Arte, FCSH, Universidade Nova de Lisboa)

15:00 » Pausa

Painel 3 – Preservar

Moderação

Carlos Pereira (Divisão de Cultura, Câmara Municipal de Loures)

15:20 » Estudo microscópico de algumas técnicas usadas por Jorge Colaço

João Manuel Mimoso (Investigador-coordenador do Laboratório Nacional de Engenharia Civil)

15:40 » A Estação de Porto-São Bento e a obra de Jorge Colaço

Ana Sousa (CP Comboios de Portugal, E.P.E. – Arquivo Histórico)
Paula Azevedo (IP Infraestruturas de Portugal – Património Histórico e Cultural)
Pedro Almeida (IP Infraestruturas de Portugal – Direção de Gestão da Rede Ferroviária)

16:00 » O Museu Nacional do Azulejo como polo de estudo da obra de Jorge Colaço

Silvia Santa-Rita (Museu Nacional do Azulejo)

16:20 » Debate

16:40 » Encerramento da Conferência

Divisão de Cultura, Câmara Municipal de Loures



Resumos de comunicações e notas biográficas

Jorge Colaço – testemunhos íntimos, alguns segredos, especulações possíveis, a sua vida e sua obra

Tomás Colaço

(Artista Visual, bisneto de Jorge Colaço)

RESUMO

Esta comunicação é baseada (essencialmente) nos depoimentos de diferentes elementos da sua família. Branca de Gonta Colaço (mulher e escritora), Maria Cristina Colaço d'Aguiar (filha), Roque de Mello Aguiar (neto), entre outros.

Será um relato criado a partir de uma imagem íntima da sua pessoa que passará por todas as épocas históricas, pelo álbum de família, pelos estudos de Madrid e de Paris, os seus colegas (Van Gogh, Gauguin, Paul Rupley, pela decisão de pintar azulejos, ligação dos azulejos com as caricaturas, cenas do quotidiano, formas de vida, família e amigos íntimos, carácter, ligação com a fábrica e Ralph Guilman, etc.

NOTA BIOGRÁFICA

Nasce em Lisboa em 1964. Vive e trabalha entre Tânger e Lisboa. Estudou Arquitetura na Universidade de Arquitectura de Milão e na Universidade de Arquitectura de Veneza. PhD em History and Theory of Contemporary Art e em Architecture, na Sorbonne, França.

Azulejos de Jorge Colaço nos Açores, no Brasil e em Goa

José Meco

Historiador de Artes Decorativas

NOTA BIOGRÁFICA

Nascido em Oeiras, a 13/05/1952, é académico-correspondente nacional da Academia Nacional de Belas-Artes, historiador de artes decorativas, nomeadamente de azulejaria e colaborador do Museu da Cidade de Lisboa, de 1981 a 1995. Docente de História da Arte na ESAD (Escola Superior de Artes Decorativas – Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva) e no IAO (Instituto de Artes e Ofícios – Universidade Autónoma de Lisboa), possui diversas publicações sobre História da Arte, em especial de azulejaria, em livros, revistas e catálogos de exposições, nomeadamente *Azulejaria Portuguesa, Bertrand Editores, 1985; O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, 1989; e Palmela Histórica e Artística (com Vitor Serrão), Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2007.*

Conceção e realização de exposições de azulejos, em Lisboa, Coimbra, Macau, Milão, Londres, Stuttgart, Chemnitz, Rabat, Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Goa, Bombaim, Bangkok, Hong-Kong, Pequim, Seúl, Sakai, Tóquio, Kagoshima, Hondo. Orientação de vários cursos sobre história da azulejaria; participação em diversos cursos e congressos de história da arte, e realização de numerosas palestras de divulgação da arte portuguesa, em Portugal e no estrangeiro; apoio a diversas intervenções de restauro de azulejos, em Lisboa, Carcavelos, Cascais, Salvador da Bahia, Rio de Janeiro. Membro da Associação Cultural de Oeiras, Espaço e Memória, com funções de vice-presidente.

Doutoramento em História da Arte, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a tese “O colorido da pedraria na arquitectura e os embutidos marmóreos entre a Itália Romana e o Portugal barroco” (Orientador: Professor-doutor Vitor Serrão). Ex-bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Entre a Tradição e a Modernidade: a narrativa histórica na obra de Jorge Colaço

Maria Alexandra Gago da Câmara

*Departamento de Ciências Sociais e de Gestão,
Universidade Aberta; Investigadora do Centro de História
da Arte e Investigação Artística CHAIA, Universidade de Évora*

Teresa Verão

*Doutoranda em História da Arte - área da azulejaria,
Universidade de Évora*

RESUMO

Jorge Colaço celebrou a história de Portugal em grandiosos conjuntos azulejares de sabor romântico. Neles se destacam os feitos heróicos dos Portugueses, enaltecendo a sua virtude enquanto povo e contribuindo para a cristalização de uma identidade nacional baseada nas grandezas passadas.

Este olhar dirigido ao passado conjuga-se com os valores assentes na promoção do progresso do país e do seu incremento técnico e económico. Daí que estes painéis surjam, de modo emblemático, nas estações de caminhos-de-ferro, símbolos maiores desse ímpeto de desenvolvimento. Pretendemos focar nesta comunicação a nossa atenção em quatro conjuntos onde esta temática está bem expressa e desenvolvida. São eles: o Centro Cultural Rodrigues de Faria em Forjães, Esposende, A Estação de São Bento no Porto, o Palácio Hotel do Buçaco e o Pavilhão Carlos Lopes, antigo Palácio das Exposições. Neles se enaltecem grandes episódios da história de Portugal, como os Descobrimentos e os feitos da Primeira Dinastia e grandes personagens, como o rei restaurador.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara, Historiadora de Arte; doutorou-se em História de Arte Moderna na Universidade Aberta,

Entre a Tradição e a Modernidade: a narrativa histórica na obra de Jorge Colaço

onde é Professora Auxiliar e vice-coordenadora do mestrado em Estudos do Património. As suas áreas de investigação e ensino são as Artes Decorativas, o Património artístico dos séculos XVII e XVIII e as Humanidades Digitais. É investigadora integrada do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora e também investigadora associada do Centro de Investigação e Tecnologia das Artes - Universidade Católica. Escola das Artes - Universidade Católica Portuguesa - Delegação Porto (CITAR - Linha de Artes Decorativas) e da Artis - Instituto de História da Arte da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (linha Rede de Investigação em Azulejo). Tem como principais áreas de trabalho os séculos XVII e XVIII nas artes decorativas, iconografia, cenografia, arquitetura civil e história urbana, destacando-se a azulejaria. Neste âmbito tem publicado diversos estudos e livros, bem como realizado conferências no estrangeiro e em Portugal.

Maria Teresa Canhoto Verão nasceu em Évora, onde se licenciou em História. É mestre em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, com tese dedicada à azulejaria no Mosteiro de São Bento de Cástris, de Évora. Colaborou em diversos projetos no âmbito da História e da História da Arte, bem como com diversas instituições, com destaque para o Museu de Évora, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Eugénio de Almeida.

Atualmente, encontra-se a realizar doutoramento em História da Arte, na Universidade de Évora, prosseguindo os seus estudos na área da azulejaria.

A pintura sobre azulejo de Jorge Rey Colaço

Cláudia Emanuel

Doutoranda em Estudos de Património, com a tese subordinada ao tema “A Obra Azulejar de Jorge Rey Colaço (1868-1942)”, Universidade Católica do Porto

RESUMO

Colaço nasceu em Tânger, a 26 de fevereiro de 1868, e faleceu em Lisboa, em 1942. Fez os estudos artísticos em Madrid e em Paris.

Foi um notável pintor a óleo, tendo a sua obra recebido vários prémios nos concursos onde participou, com evidência para os promovidos pela SNBA, mas sobretudo, Colaço distinguiu--se pela sua faceta de caricaturista, tendo chegado a dirigir o suplemento humorístico do jornal, O Século.

Monta o seu primeiro ateliê no Pátio do Martel, na Villa Martel, à Rua das Taipas, onde concilia o seu trabalho de diretor de jornal e de caricaturista com o de pintor a óleo.

Em 1903, já em Lisboa, começa a experimentar um novo suporte para as suas pinturas, o azulejo, dado que havia conhecido os Gilman, proprietários da Fábrica de Loiça de Sacavém, o que lhe permite ensaiar o seu traço sobre um novo suporte.

No início de 1905, Jorge Colaço muda-se para a rua D. Pedro V, nº 30, no que se considera ser o seu primeiro ateliê para pintura de azulejos.

Em data incerta, Colaço vai trabalhar, para a Fábrica de Loiça de Sacavém e aí permanece até 1923. A partir desta data vai trabalhar para a Fábrica Lusitânia, em Lisboa, em ateliê independente da fábrica, tal como tinha acontecido em Sacavém e aí permanece até 1942.

O estudo da obra azulejar, que tenho vindo a fazer, abrange apenas Portugal, Açores e Madeira e permitiu inventariar cerca de 1000 painéis, em 127 locais diferentes.

Permitiu ainda conhecer os mais de 400 estudos prévios elaborados pelo mestre e as fontes iconográficas que lhe serviram de base para a elaboração dos seus painéis.

A pintura sobre azulejo de Jorge Rey Colaço

Colaço tem como base essencial do seu trabalho um lema: Portugal. Pelas razões que o próprio invoca, a temática da portugalidade é diversificada, desde cenas históricas, a cenas de carácter militar, cenas etnográficas (rurais e piscatórias), cenas religiosas, episódios da literatura de Camões e de outros autores ... um manancial de temáticas a que uma imaginação criativa não ficou alheia.

Ao longo dos anos foram vários os colaboradores que laboraram com o mestre, dos quais se destaca Stuart Carvalhais, Carlos Afonso Soares, Mário O. Soares, Fabian Tomaz Lajera, entre outros. Quando os painéis eram elaborados maioritariamente pelos colaboradores, estes eram identificados por «Atelier Jorge Colaço» ou «Oficinas Jorge Colaço».

Colaço pintava azulejo segundo a técnica tradicional, isto é, sobre vidro cru. Pintava também com a técnica da estampilha, da estampanha, da corda seca e terá ainda utilizado a técnica da serigrafia cerâmica, a quem se atribui, sem certeza, ser pioneiro. Pintou sobre chacota texturada, utilizou prateados, dourados, mas principalmente inovou: Colaço pintou painéis sobre vidro já cozido!

NOTA BIOGRÁFICA

Cláudia Emanuel, doutoranda em Estudos de Património, com a tese subordinada ao tema “A Obra Azulejar de Jorge Rey Colaço (1868-1942)”, Universidade Católica do Porto.

Cláudia Emanuel Franco dos Santos, 41 anos, natural de Vacariça (Mealhada), licenciada em 2001 em Pintura, pela Escola Universitária das Artes de Coimbra e em 2008 em Cerâmica, pela mesma universidade.

Mestre em Património Artístico e Conservação, pela Universidade Portucalense do Porto (2007), com dissertação subordinada ao tema “Artes decorativas nas fachadas da arquitetura bairradina. Azulejos e fingidos (1850-1950)”. A dissertação versa os diferentes tipos de artes decorativas existentes na arquitetura da casa bairradina, aborda

A pintura sobre azulejo de Jorge Rey Colaço

de uma forma sucinta a produção azulejar, as distintas técnicas de decoração e quais as principais alterações ocorridas nos paramentos azulejares. Abrange ainda a temática dos azulejos fingidos, tipos, anomalias e problemas de conservação. Foi realizado um inventário exaustivo do património azulejar e de azulejos fingidos, na região demarcada da Bairrada.

Com este estudo, foi distinguida com o “Prémio SOS Azulejo 2011”: Investigação – História da Arte. Este estudo foi editado no início de 2016 “SANTOS, Cláudia Emanuel – Artes decorativas nas fachadas da arquitectura bairradina. Azulejos e fingidos (1850-1950). Mealhada: Ed. Câmara Municipal da Mealhada, 2015” e contém o respetivo estudo e as fichas de inventário dos oito concelhos inventariados. Estão ainda incluídos os catálogos de fábricas que permitiram a identificação dos azulejos.

Frequenta atualmente o doutoramento na Universidade Católica do Porto, em Estudos de Património, com a tese subordinada ao tema “A obra azulejar de Jorge Rey Colaço (1868-1942)” (em fase de conclusão). A tese, para além da biografia e inventariação da obra azulejar de Jorge Colaço em Portugal, Açores e Madeira, apresenta os estudos prévios que efetuou. Pretende ainda dar a conhecer as diversas técnicas que o pintor utilizou na sua obra, e os ateliês e as fábricas onde laborou.

Foi docente do ensino secundário de 1999 a 2011, na área das artes visuais (História da arte, Artes visuais, Oficina de artes, Educação visual, etc.).

Foi conservadora de património (Arquivo e Património) na Santa Casa da Misericórdia da Mealhada, de 2013 a 2017.

Autorias. A biografia de Jorge Colaço no Az Infinitum

Rosário Salema de Carvalho

(Az - Rede de Investigação em Azulejo, ARTIS - Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa)

RESUMO

O Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo (<http://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/pesquisa-az>) é um projeto em curso, de acesso livre, desenvolvido pela Rede de Investigação em Azulejo (ARTIS-FLUL), em parceria com o Museu Nacional do Azulejo e com a empresa Sistemas do Futuro, e que se articula com um vasto conjunto de outras instituições e investigadores.

O seu principal objetivo é documentar os revestimentos em azulejos, produzidos ou aplicados em Portugal, que se conservam *in situ*. Mais do que um registo de inventário, o Az Infinitum permite cruzar informação muito diversificada (texto e imagem) e relacioná-la, assumindo-se assim como uma importante ferramenta de trabalho na investigação e estudo da azulejaria portuguesa. Atualmente, o Az Infinitum organiza-se em cinco grandes áreas, através das quais é possível entrar no sistema. Um destes separadores, intitulado “autorias”, reúne os dados conhecidos sobre pintores de azulejo, oleiros e olarias, fábricas, ladrilhadores e outros intervenientes, como arquitetos, cujo percurso profissional se relaciona, de algum modo, com a produção de azulejos. É a partir desta área, e usando a figura do pintor Jorge Colaço (1868-1942), que iremos apresentar este sistema colaborativo, que vive também das diversas contribuições dos investigadores. Para além de uma breve nota biográfica em formato de texto livre, é possível ter acesso a uma cronologia detalhada sobre a vida e obra de Jorge Colaço, assim como aos revestimentos já registados na área de inventário *in situ*.

Autorias. A biografia de Jorge Colaço no Az Infinitum

Estes podem ser também encontrados através da catalogação dos temas representados, identificados no separador “iconografia” e “padrões e emolduramentos”. Por fim, as principais referências bibliográficas são relacionadas no item “bibliografia”.

Em permanente atualização, o Az Infinitum permite integrar novos dados a qualquer momento, refletindo as mais recentes perspectivas de investigação ao mesmo tempo que fomenta diferentes formas de visualização de dados, suscetíveis de potenciar novo conhecimento.

NOTA BIOGRÁFICA

Rosário Salema de Carvalho é investigadora do ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde integra o grupo Az – Rede de Investigação em Azulejo, da qual é também coordenadora executiva.

Tem desenvolvido investigação na área do património e, principalmente, na área da azulejaria portuguesa, com vários livros e artigos publicados. Atualmente é bolsista de pós- -doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, dedicando-se ao estudo das molduras do período barroco e, no âmbito do grupo Az, é responsável pelos projetos relacionados com estudos de azulejaria e inventário, entre os quais merece especial referência o projeto âncora do grupo, o Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo.

Azulejaria de Jorge Colaço nas Unidades Militares em Portugal: Arte e Tradição

Augusto Moutinho Borges

CLEPUL-Universidade de Lisboa, CIDH-Universidade Aberta, Academia Portuguesa da História, Comissão Portuguesa de História Militar

RESUMO

As inúmeras unidades militares em Portugal têm sido decoradas, ao longo do tempo, com exemplares azulejares, sendo o Quartel de Campo de Ourique, em Lisboa, o primeiro edifício construído de raiz, cerca 1762, decorado com silhares pombalinos no exterior; átrio nobre e em toda a parada. Ainda no século XVIII, outros exemplares cerâmicos foram utilizados em quartéis, referindo, a título de exemplo, os revestimentos que se encontram nos aquartelamentos na Calçada da Ajuda, em Lisboa, do Regimento de Lanceiros e Quartel Conde de Lippe.

Por motivos dos conflitos bélicos desencadeados ao longo de todo o século XIX e das graves crises económicas do reino, não há grandes referências à utilização de revestimentos cerâmicos nas unidades neste século. É já nos inícios do século XX que se recomeça esta prática decorativa, iniciando-se este modelo estético no edifício do atual Museu Militar de Lisboa. Forraram-se as paredes exteriores do Pátio dos Canhões e algumas salas e escadarias interiores com motivos evocativos de batalhas, que marcaram a história nacional e de militares que se destacaram em cumprimentos das suas funções castrenses.

Esta prática decorativa foi depois replicada noutras unidades, sendo convidados mestres e pintores nacionais para, segundo os critérios das encomendas, realizarem revestimentos integrais dos espaços ou elaboração de painéis/memoriais evocativos de acontecimentos marcantes da história e apologética militar, na Europa, África, Oriente e Brasil.

Azulejaria de Jorge Colaço nas Unidades Militares em Portugal: Arte e Tradição

É neste enquadramento que o mestre Jorge Colaço (1868-1942) foi convidado a trabalhar em algumas unidades, quer de Ensino Militar, quer em quartéis e outros edifícios militares, tanto para o exterior como para o interior, com liberdade artística mas obedecendo aos critérios dos temas e figuração geográfica; orientações estéticas que tão bem conhecia.

Vamos, como resultado inventarial da obra que tive o prazer em escrever sobre a Azulejaria nas unidades militares em Portugal, apresentar os exemplares que o pintor deixou nas unidades e sua relação com o quotidiano, muitas delas totalmente desconhecidas pela sua inacessibilidade, mas que se constituem fundamentais para a história da arte nacional.

NOTA BIOGRÁFICA

Augusto Moutinho Borges

CLEPUL, CIDH-UAb, Academia Portuguesa da História. Membro da direção da Secção de História da SGL, membro do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar e da Revista *Almorsor* da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Doutor em História das Ciências da Saúde, com vasta obra publicada sobre história, arte, arquitetura militar, religião e património. Autor de 16 livros, 170 participações com artigos científicos em congressos nacionais e internacionais.

Bibliografia do autor com referências a Jorge Colaço

BORGES, Augusto Moutinho, *Azulejaria de Alcântara: Cores na Cidade*. Lisboa: By the Book, 2013.

BORGES, Augusto Moutinho (coord.), *Palácio dos Condes d'Óbidos: Sede Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa*. Lisboa: By the Book, 2015.

BORGES, Augusto Moutinho, *O Exército e o Azulejo: Tradição e Arte*. Lisboa: By the Book, 2016.

Azulejaria de Jorge Colaço nas Unidades Militares em Portugal: Arte e Tradição

BORGES, Augusto Moutinho, *Azulejaria do Lumiar: Cores na Cidade*. Lisboa: By the Book, 2016.

BORGES, Augusto Moutinho e NABAIS, Adelaide, *Azulejaria de Santa Isabel: Três Núcleos em Lisboa de Jorge Colaço*. Lisboa: CLEPUL, 2017 (no prelo).

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

BORGES, Augusto Moutinho, "O Exército português e a iconografia religiosa, toponímia, Santos Patronos, Irmandades, Confrarias e Capelas". In: *Actas XV Colóquio de História: Militar Portugal Militar*. Lisboa: CPHM, 2 vol., 2006, pp. 727-753.

BORGES, Augusto Moutinho, "S. Francisco e St.º António na Arquitetura Militar". In: *O Esplendor da Austeridade, Mil Anos de Empreendedorismo das Ordens e Congregações em Portugal: Arte, Cultura e Solidariedade*. Lisboa: INCM, 2011, pp. 565-568.

BORGES, Augusto Moutinho, "S. Francisco e St.º António na toponímia e arquitectura militar em Portugal". In: *III Congresso Internacional do Franciscanismo*. Madrid: Asociación Hispánica de Estudios Franciscanismo, 2009, pp. 411-422.

BORGES, Augusto Moutinho, *O Exército e a Azulejaria: Tradição e Arte*. Lisboa: By the Book, 2016.

BORGES, Augusto Moutinho, *Museus Militares em Portugal: História, Cultura e Memórias*. Lisboa: By the Book, 2017.

BORGES, Augusto Moutinho, "Os Santos do Panteão Nacional: St.º António - figurações apologéticas da identidade lusíada". In: *Franciscanismo no Mundo Hispânico*. Lisboa: SLG, 2017 (no prelo).

BORGES, Augusto Moutinho, "Fortalezas, Fortes e Baterias da Linha do Tejo Património UNESCO". In: *Congresso Internacional Turismo, História, Património e Ideologia*. Lisboa: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril e Instituto de História Contemporânea-UNL, 2017 (no prelo).

Azulejos Artísticos de Jorge Colaço nas estações ferroviárias portuguesas

Tiago Borges Lourenço

(Instituto de História da Arte, FCSH, Universidade Nova de Lisboa)

RESUMO

Transversal a regiões, encomendadores e cronologias, em mais de meia centena de programas azulejares decorativos, figurados nas estações ferroviárias portuguesas, reproduziu-se massivamente um Portugal ruralizado, de paisagens bucólicas, monumentos de pedra e camponeses trabalhando nas terras. Mais do que mera decoração, estes painéis procuravam captar a atenção de locais e forasteiros, numa mostra simultaneamente etnográfica e de promoção turística - raros terão sido os momentos em que a arte pública portuguesa conseguiu ser tão geograficamente vasta e, simultaneamente, representativa dos diversos locais e da forma como se entendiam as respetivas povoações e populações.

Ao longo de cerca de quarenta anos, os principais ceramistas da primeira metade do século XX assinaram programas azulejares para estações em (quase) todo o Portugal Continental, maioritariamente encomendados por companhias ferroviárias ou entidades públicas locais (autarquias e comissões de iniciativa e turismo). De entre estes, Jorge Colaço seria o mais prolífico, executando cerca de uma dezena entre 1905 e 1940, a maioria dos quais para as fachadas de estações novas ou reconstruídas nas diversas linhas e ramais do Alentejo.

Partindo de uma compreensão necessariamente breve do processo de surgimento e disseminação destes conjuntos azulejares nas estações ferroviárias portuguesas, a presente comunicação pretende fazer o levantamento e compreender a obra de Colaço neste contexto. Geografias, cronologias, iconografias e lógicas de encomenda.

Azulejos Artísticos de Jorge Colaço nas estações ferroviárias portuguesas

De Porto-São Bento até aos programas para Évora e Beja no contexto da celebração dos centenários, de que forma é reconhecível a sua marca neste importante conjunto artístico português?

NOTA BIOGRÁFICA

Tiago Borges Lourenço

(Instituto de História da Arte - FCSH/UNL)

Licenciado e mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a dissertação "Postais Azulejados: Decoração Azulejar Figurativa nas Estações Ferroviárias Portuguesas" (Prémio SOS Azulejo 2014 - "Dissertação de Mestrado - História da Arte"). Colaborou com o Museu de Lisboa e Museu Nacional do Azulejo e, entre 2010 e 2015, foi bolseiro de investigação em dois projetos financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2010-2013: IHRU/SIPA; 2014-2015: IHA/FCSH-UNL). A sua atividade como investigador tem-se maioritariamente desenvolvido nas áreas da azulejaria, arquitetura e urbanismo de Lisboa do século XIX e princípio do século XX.

Estudo microscópico dalgumas técnicas usadas por Jorge Colaço

João Manuel Mimoso

Investigador-coordenador do Laboratório Nacional de Engenharia Civil

RESUMO

Apresentam-se imagens de microscopia ótica e eletrónica de secções do vitrado de azulejos de Jorge Colaço, conjuntamente com resultados analíticos que permitem esclarecer aspetos das técnicas usadas pelo artista.

NOTA BIOGRÁFICA

João Manuel Mimoso

Licenciado em Engenharia Mecânica/Termodinâmica Aplicada, pós-graduação em Gestão, investigador-coordenador do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, onde dirige estudos sobre a conservação do património cultural e em particular dos azulejos.

A Estação de Porto-São Bento e a obra de Jorge Colaço

Ana Sousa,

CP Comboios de Portugal, E.P.E. – Arquivo Histórico.

Paula Azevedo,

IP Infraestruturas de Portugal – Património Histórico e Cultural.

Pedro Almeida,

IP Infraestruturas de Portugal – Direção de Gestão da Rede Ferroviária.

RESUMO

A construção da Linha Urbana do Porto, de Porto-São Bento a Porto-Campanhã, insere-se na segunda fase de construção da rede ferroviária nacional, responsabilidade do Estado.

Além de permitir a chegada do comboio ao centro do Porto, veio ainda promover a ligação das linhas do Minho e Douro com a Linha do Norte. O edifício de passageiros da Estação de Porto-São Bento e a obra de Jorge Colaço.

Ação materializada nos painéis azulejares do átrio do edifício de passageiros: diagnóstico prévio, intervenientes no processo até à ação de conservação e restauro - materiais, técnicas, imprevistos em obra, opções, logística e faseamento.

A Estação de Porto-São Bento e a obra de Jorge Colaço

NOTAS BIOGRÁFICAS

Ana Sousa

Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Pós-graduação em Estudos do Ramo de Formação Educacional de História

Professora do ensino básico e secundário (1991-2006)

Técnica superior na CP, Comboios de Portugal, E.P.E. – Arquivo Histórico.

Investigadora na área dos transportes ferroviários.

Paula Azevedo

Licenciada em Arquitetura pela ESBAL, Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, 1981.

Quadro da IP Património, empresa do Grupo Infraestruturas de Portugal.

Corresponsável pelo Inventário do Património Histórico e Cultural à guarda da Infraestruturas de Portugal.

Investigadora sobre Arquitetura Ferroviária, no âmbito de parceria entre a IP e a Faculdade de Arquitetura – UL

Coordenadora do grupo de trabalho para o “Caminho-de-Ferro e Património Ferroviário”/Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial.

Tem organizado visitas, exposições, e cursos sobre património entre os quais:

Exposição “Ei-los que partem”, 2016, Porto-São Bento e Assembleia da República.

Curso “Caminho-de-Ferro e Património Ferroviário”, 2016/2017, APAI e Centro Nacional de Cultura.

A Estação de Porto-São Bento e a obra de Jorge Colaço

Pedro Almeida

Quadro da Infraestruturas de Portugal, Direção de Gestão da Rede Ferroviária - Centro Operacional de Manutenção Norte

Licenciado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Fernando Pessoa - Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Pós-graduação em Conservação e Restauro em Azulejo, pela Universidade Portucalense.

O Museu Nacional do Azulejo como polo de estudo da obra de Jorge Colaço

Silvia Santa-Rita

Museu Nacional do Azulejo

RESUMO

No ano de 1980, o Museu do Azulejo deixou de ser um anexo do Museu Nacional de Arte Antiga e foi definida a sua identidade atual, como instituição destinada a preservar, estudar e apresentar didaticamente as coleções representativas da evolução da Cerâmica e do Azulejo portugueses, por se tratarem de patrimónios referenciais da cultura nacional.

Logo em 1981, Rafael Salinas Calado, primeiro diretor deste museu, teve de responder a críticas por o Museu do Azulejo não ter, suficientemente representada, a produção azulejar dos começos do século XX até aos seus anos 40, nomeadamente os da autoria do mestre Jorge Colaço, considerado o pintor de azulejos mais representativo da sua época, visto por muitos dos seus contemporâneos como inovador ao ressuscitar o azulejo artístico, rompendo com a tradição monótona da cópia dos azulejos dos séculos XVII e XVIII. Salinas Calado reconhecia não ter este museu, nas suas coleções, muitos azulejos de Colaço, fazendo salientar que a obra deste autor, caracterizada pelo revivalismo e romantismo e cujo êxito considerava um fenómeno francamente expressivo da história do gosto em Portugal, fazia parte das que tinham a felicidade de se manterem respeitadas nos locais a que pertenciam e onde deviam permanecer, sendo uma das missões do museu ajudar a conservar *in situ* o património azulejar. Independentemente de qualquer opinião sobre o artista e a sua obra, afirmava ser preciso estudar desapaixonadamente Colaço na sua verdadeira dimensão.

Desde então, tem-se vindo a observar a degradação de algumas obras da profusa herança azulejar de Colaço. Dentro das suas possibilidades, continua a ser política do museu a salvaguarda do azulejo, atento à

O Museu Nacional do Azulejo como polo de estudo da obra de Jorge Colaço

descoberta de novas obras ou ao estado em que se encontram. Quando esse património se encontra em perigo e não existem já condições para que continue no lugar para onde foi concebido, o museu poderá recebê-lo, mantendo a sua integridade, apostando na sua divulgação e no seu estudo. O Museu do Azulejo tenta contribuir para a proteção desta arte identitária, investigando, emitindo pareceres, prestando alguma orientação em intervenções de conservação e restauro e em investigações na área.

Em 2001 o Museu Nacional do Azulejo adquiriu parte do espólio de Jorge Colaço, da coleção particular de um dos seus descendentes; desse espólio constam azulejos, projetos aguarelados, caricaturas políticas, estresidos/picados, fotografias, recortes de imprensa, diplomas académicos, expediente do seu ateliê, paletas pintadas.

Deste conjunto de bens destacam-se, pela importância e quantidade, os projetos e estresidos do autor, que contribuem inequivocamente para a compreensão do seu processo criativo. O Museu Nacional do Azulejo constitui-se assim como um relevante polo de estudo da obra de Jorge Colaço.

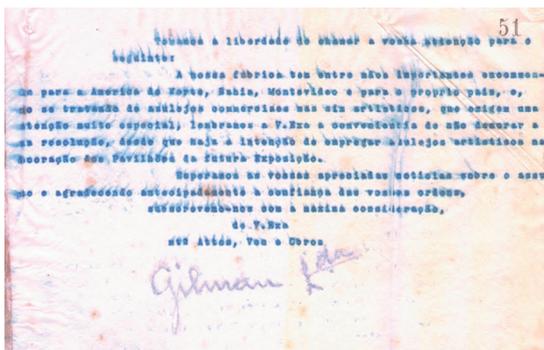
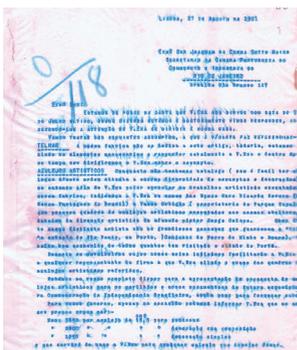
NOTA BIOGRÁFICA

Silvia Santa-Rita é técnica superior no Museu Nacional do Azulejo. Mestre em História de Arte e com formação em Museologia e Património, exerceu funções nos palácios nacionais de Mafra, Pena e Queluz, sempre ligada à área do Inventário e da Gestão de Coleções.



Carta de 25 de janeiro de 1921 Copiador de correspondência da Fábrica de Loiça de Sacavém.

Carta dirigida a Santos Jorge, Lisboa. Correspondência sobre as condições de preço para os azulejos artísticos encomendados, provavelmente para o Palácio de Rio Frio, Pinhal Novo, executados nas oficinas da Fábrica de Loiça de Sacavém, sob a direção artística de Jorge Colaço.



Carta de 27 de agosto de 1921 – Copiador de correspondência da Fábrica de Loiça de Sacavém.

Carta dirigida a Joaquim da Cunha Sotto Mayor, Rio de Janeiro. Correspondência com referência a azulejos artísticos da Fábrica de Loiça de Sacavém, existentes em casas particulares no Brasil, que possam ser apreciados para uma futura encomenda de painéis artísticos para a decoração dos pavilhões da Exposição no Rio de Janeiro em 1922.



**Departamento de Cultura, Desporto e
Juventude/Divisão de Cultura/Área de Museus
Museu de Cerâmica de Sacavém**

Rua Álvaro Pedro Gomes

Urbanização Real Forte

2685-145 Sacavém

Endereço eletrónico: dc@cm-loures.pt

Terça a domingo, das 10h às 13h e das 14h às 18h

Encerra às segundas e feriados

Ingresso

Bilhete Normal: **1,50 €**

Estudantes, titulares de Cartão Jovem e sócios
do movimento associativo: **0,75 €**

Grátis para crianças até aos 12 anos e adultos
com mais de 65 anos

Aos domingos a entrada é gratuita

Contactos para marcação de visitas e atividades:

Endereço eletrónico: se_ceramica@cm-loures.pt

Telefones: 211 151 082/83 e 211 151 084/85

Centro de Documentação Manuel Joaquim Afonso

Terça a sexta, das 10h às 12h30 e das 14h às 17h

Telefone: 211 151 090

Endereço eletrónico: museu_ceramica@cm-loures.pt

Jorge Colaço

150 ANOS
DO NASCIMENTO
Jorge Rey Colaço

 **Infraestruturas**
de Portugal

 **COMBOIOS DE PORTUGAL**

FUNDAÇÃO
MARQUES
DASILVA

 **REPÚBLICA**
PORTUGUESA
CULTURA

PATRIMÓNIO
CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural

M U S E U
N A C I O N A L
D O
A Z U L E J O

www.cm-loures.pt
facebook.com/MunicipiodeLoures